

# **O ENSINO DE GEOGRAFIA NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO (SURDOS): ESTUDO DE CASO DA ESCOLA DE ENSINO ESTADUAL FUNDAMENTAL E MÉDIO MONSENHOR DOURADO, FORTALEZA, CE.**

Aline Araújo Ribeiro

Universidade Federal do Ceará – UFC.

E-mail: [alineribeiro.90@hotmail.com](mailto:alineribeiro.90@hotmail.com)

Ana Dyenice Calos da Silva

Universidade Federal do Ceará.

E-mail: [anadyenice@gmail.com](mailto:anadyenice@gmail.com)

## **1INTRODUÇÃO**

É intrigante ainda pensar que muitos professores vão para a sala de aula sem ter vivenciado ou ao menos ter uma didática diferenciada com uma sala de necessidades educativas especiais, como as de inclusão para surdos. O estudo de caso, portanto faz uma análise das aulas de geografia na sala de 2º ano do Ensino Médio da E. E. F. M. Monsenhor Dourado, locada no bairro Padre Andrade há 39 anos, recebendo estudantes para além dos bairros que o circunda, estudantes da Região Metropolitana de Fortaleza.

No final do século XX, surge uma nova perspectiva de ensino para os surdos com a proposta da inclusão, no Brasil esta proposta de inclusão e sancionada pela LEI Nº 9394/96 – LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL – 1996, que trata da educação especial, segundo a lei será ofertado condições necessárias a o aluno da escola regular em condições especiais de desenvolverem um ensino de qualidade que propicie o desenvolvimento das habilidades individuais.

Para compreendermos então como se dar o ensino-aprendizagem na educação inclusiva, analisamos os sujeitos, são eles os estudantes ouvintes e não ouvintes, professora e interprete contextualizando-os a realidade da Escola e as condições de trabalho da professora.

Objetivamos entender a problemática que a professora, interprete e estudantes (ouvintes e não ouvintes) encontram para garantir um ensino-aprendizagem significativa de geografia. Para isso é preciso observar as práticas didático-pedagógicas, as relações em sala de aula, as culturas e condições de trabalho.

Pensando numa análise no tempo e no espaço a pesquisa se coloca como dialética, qualitativa, tendo em vista o estudo de caso e os procedimentos tomados, quanto a análises e observações e instrumentos de coleta de dados como, entrevistas, questionários, literatura, caderneta de campo, fotografias e intervenção em sala de aula.

## **2 PERCURSO METODOLÓGICO**

Foi desenvolvido na Escola de E. E. F. M. Monsenhor Dourado, um estudo de caso no qual segundo Severino (2007. p.121)

A pesquisa que se concentra no estudo de um caso particular, considerando representativo de um conjunto de casos análogos, por ele significativamente representativo. A coleta dos dados e sua análise se dão da mesma forma que nas pesquisas de campo, em geral.

Para a realização da pesquisa foram realizadas coletas de dados, revisão bibliográfica, onde buscamos fundamentação teórica do assunto a ser pesquisado, análise dos documentos da Escola EEFM Monsenhor Dourado, visita de campo além dos instrumentos de pesquisa como: gravadores e maquina fotográfica e caderneta de campo e questionários no qual argumenta Gil (2010. p. 121)

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativa, aspirações, temores, comportamentos presente ou passado etc.

Onde às respostas serão dadas de forma discursiva, com a proposta de observar o desenvolvimento crítico dos alunos, além da relação entre professora, interprete e estudantes ouvintes e não ouvintes. Nos utilizamos também da observação participante, no qual propomos intervir na sala de aula.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inaugurada no dia 05 de março de 1974, a Escola de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Dourado (Figura 1) que recebeu esse nome em homenagem ao Monsenhor Joaquim de Jesus Dourado, sacerdote devoto das causa educacional. A Escola é referencia no ensino inclusivo para surdos em Fortaleza.

FIGURA 1. Localização da Escola.



Fonte: Marques, 2013.

A escola oferece Educação Especial e Inclusiva (surdos e deficientes intelectuais), Ensino Fundamental e Médio – nos turnos manhã e tarde.

Em 2013 são cinco turmas de inclusão e seis turmas destinada a educação especializada, ambas distribuídas entre os turnos manhã e tarde.

O Núcleo de Apoio Pedagógico Especifico NAPE, conta com uma fisioterapeuta, psicóloga, fonoaudióloga, assistente social e apoios. O NAPE funciona no contra turno para os alunos com necessidades especiais.

O ambiente escolar é um espaço de socialização entre as diversas culturas e linguagens e por isso é necessário proporcionar a troca de experiências entre os sujeitos. É nesta proposta que se constrói o ensino inclusivo, vislumbrando a troca de experiências entre alunos ouvintes e não ouvintes.

Contudo, a partir das nossas observações diárias nas aulas de Geografia foi nítido a pouca interação entre professora, interprete, estudantes ouvintes e não ouvintes. Demonstrando a dificuldade em tratar a Geografia numa sala de inclusão onde a maioria são ouvintes um total de 25 estudantes e dois são não ouvintes.

Foi pertinente também observar que não eram exploradas imagens e figuras já que principalmente os não ouvintes são bastante interessados em imagens, pois é uma maneira mais “fácil” de se compreender um discurso.

A partir das análises e observações, propomos uma aula na perspectiva de levar uma outra metodologia e novos instrumentos didáticos.

Aula: urbana 2º ano, do ensino médio.

1. Relembrar a aula anterior no qual tratava da questão urbana no Brasil;
2. A partir da dinâmica do repolho instigar o conhecimento prévio dos estudantes a cerca da matéria nova que objetiva a aproximação do contexto urbano, a realidade dos educandos;
3. Utilização de mapas e fotografias por meio de data show, objetivando entender as relações de ocupação da região Leste e Oeste de Fortaleza.
4. Depois de feita as análises e discussão dos mapas e imagens, a ideia é dividir a turma em equipe e cada uma apresentar suas ideias a cerca do que foi estudado.

#### **4. CONCLUSÃO**

É então na perspectiva que ensinar não é simplesmente transferir conhecimento que a Geografia deve ser trabalhada nas escolas, deve portanto preparar e instigar um ensino que prepare cidadão críticos e entendedores do atual sistema no qual estamos sendo explorados

É interessante perceber que o professor ele deve ser um pesquisador que procure, investigue, constate e que assim instigue os estudantes a fazer o mesmo, a

fim de promover a autonomia e um ensino de Geografia significativa, tanto para ouvintes quanto para não ouvintes. A problemática da inclusão nas aulas de geografia nesse caso é entendida por vários motivos dentre eles, a não interação do surdo com os ouvintes, o não dialogo entre os sujeitos pensando a construção do conhecimento significativo que viabilize a libertação.

Contudo, as experiências históricas, culturais, políticas, dentre outras devem ser trabalhadas para que se possa se respeitar as diferenças e assim interagir. E depositado nos sujeito estudados portanto uma esperança de que podem sim promover e construir um ensino significativo para promover a cidadania. Em se tratando das prática pedagógicas, a professora pouco explora os recursos da Escola, o que vem dificultando os estudantes a compreender e fazer uso da geografia.

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB** - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.

GIL, Antonio C. **Mtodos e técnicas de pesquisa social**. Ed. 6. São Paulo: Atlas, 2010.

SEVERINO, Antônio J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.